

Anexos...

*A vida de ex-reclusos, por suas palavras.
Os liames entre a vida na prisão e a (re)inserção social*

Índice de anexos

Anexo I- Guião de Entrevista Ex-reclusos

Anexo II- Guião de Entrevista a Técnicos de Reinserção Social

Anexo III- Síntese do sistema de categorias de análise das entrevistas dos ex-reclusos

Anexo IV- Transcrição Parcial das entrevistas apresentadas

1- Excerto da Entrevista a Técnicas de Reinserção Social

2- Exemplo de Entrevista a Ex-reclusos

2.1- Ex-recluso 1

*A vida de ex-reclusos, por suas palavras.
Os liames entre a vida na prisão e a (re)inserção social*

ANEXO I

Guião de Entrevista – Ex-Reclusos

As perguntas que se seguem enquadram-se no trabalho de investigação com fim de uma dissertação no Mestrado de Sociologia. São questões que procuram abarcar as diversas fases e campos da vida do indivíduo, tentando através de uma perspetiva diacrónica visitar os momentos marcantes e de mudança dos mesmos, com enfoque no período de reclusão e reinserção, aspeto central na nossa abordagem.

I - Caraterísticas pessoais

- 1- Como se define? (personalidade)
- 2- Quais os momentos mais marcantes que se lembra da sua infância?
- 3- Relativamente à adolescência, como viveu esse período da sua vida em todos os campos, família, amigos, escola?
- 4- Conte-me episódios que o marcaram no seu crescimento, (seja a nível familiar, a comunidade, trabalho) e que acha que possam ter influenciado a sua personalidade.
- 5- Quais as principais mudanças ao nível pessoal, personalidade, carácter que denota ao longo da sua vida? (fruto das experiências vividas)

II - Contexto familiar

- 6- Como nos pode descrever a sua vida familiar? (aspetos positivos e negativos)
- 7- Como considera que foi o seu crescimento? Acha que os seus pais passaram o tempo suficiente consigo, lhe davam atenção? E em relação a outros familiares mais próximos, como se sentiu?
- 8- É casado? Como descreveria o seu casamento? E filhos? Descreva-nos a sua relação com eles. (brincadeiras, conversas, ensinamentos)

III - Cultura/Escola/Trabalho

- 9- Quais os principais valores culturais, crenças, ideais que reconhece terem-lhe sido passados e por quem?
- 10- Quais as suas memórias relativamente ao período escolar? Como se caracterizaria enquanto aluno?
- 11- Relativamente ao mundo do trabalho, quais as suas experiências profissionais? Descreva-nos.

IV - Reclusão

- 12- Qual a razão que o levou à prisão?
- 13- Descreva-nos como se sentiu quando foi preso.
- 14- Descreva-nos o seu dia-a-dia na prisão. (A adaptação, o que sentiu mais falta, as amizades)
- 15- Quais os principais ensinamentos que retirou do tempo em que esteve preso?
- 16- A seu ver, e pela sua experiência, quais os aspetos mais positivos e os mais negativos nas prisões?
- 17- Dentro da prisão estava já envolvido em algum programa que o auxiliasse na reinserção?
- 18- E hoje, mudaria alguma coisa no seu percurso? Como se sente em relação ao crime que o levou para a prisão?

V – Reinserção

- 19- Quais as suas principais motivações neste período de reinserção social?
- 20- Como caracteriza o seu processo de ajuda/ comunicação/ relação com os técnicos de reinserção social?
- 21- Quem definiu os objetivos a alcançar por si nesta fase? Você colaborou nessa definição?
- 22- Actualmente está inserido no mercado de trabalho? Como se sente em relação a esse emprego?
- 23- Relativamente à sociedade, (amigos, trabalho) sente algum tipo de discriminação em razão de ser ex-recluso?
- 24- Quais as principais alterações que a sua vida teve depois de ter saído da prisão?

VI - Expectativas futuras

- 25- Quais os seus objetivos para a sua vida futura?
- 26- Há alguma coisa que queira acrescentar?

Gratos pela sua Colaboração!

ANEXO II

Guião de entrevista – Técnicos de Reinserção Social

As perguntas que se seguem enquadram-se numa investigação com fim de uma dissertação no Mestrado de Sociologia. Pretendem abarcar, quer as representações sociais quer as práticas profissionais, de um conjunto de técnicos que diariamente lidam com proximidade com este grupo de indivíduos.

Representações /Meios de intervenção

- 1- A vosso ver, qual a influência que o rótulo de ex-recluso tem na vida (social, familiar, profissional) dos indivíduos?
- 2- Quais consideram ser os principais disfuncionamentos da sociedade que conduzem estes indivíduos à sua situação actual?
- 3- Na vossa visão de técnicos, há alguns aspetos comuns que encontrem na história de vida destes indivíduos e que possam ser considerados aspetos facilitadores de condutas criminais?
- 4- Quais os vossos principais objetivos na intervenção junto destes indivíduos?
- 5- Como definem e caracterizam os programas de intervenção com que trabalham para intervir junto dos ex-reclusos?
- 6- Estes programas, contam com a participação deles ou são definidos exclusivamente pelos técnicos?
- 7- As características do ex-recluso são tidas em conta na definição do plano de intervenção? Isto é, é traçado um plano individual para cada recluso ou os programas são aplicados tipo grelha?
- 8- Qual consideram ser a fonte de motivação dos ex-reclusos na fase da reinserção? Até que ponto as questões da mudança se encontram interiorizadas por eles?
- 9- Até que ponto as características da comunidade de acolhimento poderão influenciar a reinserção daquele ex-recluso?
- 10- Quais consideram ser as reais possibilidades de reinserção dos ex-reclusos?

Práticas profissionais

- 11- O vosso processo de acompanhamento começa ainda dentro da prisão? Expliquem, por favor o processo, como fazem a abordagem, as principais tarefas que desenvolvem no dia-a-dia.
- 12- Qual a receptividade que têm junto destes indivíduos?
- 13- Existe o papel de gestor de caso ou um processo pode estar entregue a vários técnicos?
- 14- Como caracterizam a vossa relação de técnicos com os ex-reclusos?
- 15- Qual o nível de profundidade de partilha dos elementos da história de vida deles convosco?
- 16- A intervenção que fazem, pretende ser ambivalente ou privilegiam determinadas áreas? Quais?
- 17- Os vários papéis que o indivíduo desempenha na sociedade, são trabalhados no processo de intervenção?
- 18- Após algum tempo de intervenção quais são as alterações que vocês denotam nos ex-reclusos?
- 19- Qual a importância do vosso papel de técnicos nesta fase e da relação que estabelecem com os ex-reclusos?
- 20- A que nível vocês envolvem a família no processo de intervenção?
- 21- Qual a forma habitual de resposta destes indivíduos a situações de crise (por exemplo, reincidência do crime, ausência de suporte familiar, técnico)? Até que ponto essas situações são experimentadas no processo de intervenção?
- 22- Quais as entidades externas que vocês procuram contactar/ ter protocolos de forma a promover uma intervenção o mais integrada possível a todos os níveis?
- 23- Em termos profissionais, o que procuram preparar juntamente com o ex-recluso relativamente à sua inserção laboral?
- 24- Em que fase do processo sentem que o ex-recluso está preparado para sair do programa ou há períodos limites de intervenção? Quais as características que o indivíduo já deve possuir?
- 25- Quanto tempo dura o vosso acompanhamento? E depois disso, mantém-se alguma relação entre técnicos e ex-reclusos?

ANEXO III

Quadro - Síntese do sistema de categorias de análise das entrevistas dos ex-reclusos

Eixos de análise	Categorias
1 – Antes do delito (Socialização)	a) Caraterísticas de personalidade b) Família c) Escola d) Trabalho e) Aspetos Marcantes
2 – Delito	a) Tipo de delito b) Pena atribuída
3- Experiência Prisional	a) Como se sentiram quando foram presos? b) Adaptação c) Dia-a-dia d) Trabalho e) Formação/Escola f) Técnicos de Reinserção Social Intra Estabelecimento prisional g) Família h) Ensinamentos i) Aspetos Positivos e Negativos
4- Reinserção Social	a) Motivações b) Trabalho c) Discriminação d) Mudanças e) Técnicos de Reinserção Social – Direção Geral de Reinserção Social
5- Perspetivas de Futuro	a) Nível Profissional b) Nível Relacional e familiar c) Não reincidência

*A vida de ex-reclusos, por suas palavras.
Os liames entre a vida na prisão e a (re)inserção social*

Anexo IV

1. Entrevista Técnicos de Reinserção Social

Esta entrevista foi realizada a 4 técnicas de Reinserção Social, colaboradoras do Instituto de Reinserção Social que serve a área de Gondomar, Maia e Valongo.

e1- Dra. Sofia Lopes, cuja formação de base é Psicologia, colabora no gabinete desde dezembro de 2011.

e2- Dra. Paula Soares, cuja formação de base é Sociologia, colabora no gabinete desde 1991.

e3- Dra. Paula Castro, cuja formação de base é Psicologia, colabora no gabinete desde 1993.

e4- Dra. Rute Correia, cuja formação de base é Psicologia, colabora no gabinete desde dezembro de 2011, acumulando estágio curricular e profissional num total de quase 3 anos na mesma área.

E- Eu começo por explicar qual é o objetivo do estudo para que também estejam integradas nisso. O que eu pretendo fazer é trabalhar histórias de vida com os ex-reclusos. Neste caso, tentar contrapor a visão dos técnicos com as deles, relativamente à reinserção social, possibilidades que há, se há as reais possibilidades de reintegração ou se depois de passarem um tempo na prisão em que acabam por ser rotulados como ex-prisioneiros, se a integração posterior é possível ou não ou se é possível nas condições de ser posteriormente reconhecido como um indivíduo que não tenha tido qualquer processo de passagem pela prisão. Esta é a base do estudo depois com diferentes objetivos internos. Secalhar eu em vez de começar pela questão das representações começaria pelas práticas profissionais, aquilo que vos está mais próximo, pois são técnicas de terreno mesmo e nesse caso eu gostava de perceber como é que começa o vosso processo de acompanhamento, se começa ainda dentro da prisão, se é posterior, se é reencaminhado para aqui para a direção Geral de Reinserção Social, como é que isso funciona?

e2- Nós enquanto técnicas aqui nesta equipa ou nós, o serviço? É que há diferenças...porque o serviço de fato tem essa intervenção, estamos a falar mais especificamente em indivíduos com cumprimento de pena de prisão, não é? É que nós acompanhamos outras situações...

E- Não, so indivíduos com cumprimento de pena de prisão...

e2- Nesse contexto, efetivamente há intervenção já durante o cumprimento da pena de prisão. Não é aceite por nós como equipa desta natureza, equipas de comarca mas por equipas nossas que trabalham junto dos estabelecimentos prisionais...

E- Nesse caso como é que eles chegam a vós, a estas equipas?

e2- Podem chegar-nos a nós ainda durante o cumprimento da pena de prisão, pela articulação que é feita nomeadamente, para preparação para a libertação futura, para a preparação de medidas jurisdicionais, medidas de flexibilização da pena, portanto, nós aí já vamos tendo algum contato com as situações porque fazemos a ponte, a articulação com as famílias, com vista à preparação da sua libertação futura. Depois durante o decurso da liberdade condicional, quando eles estão libertados condicionalmente ainda não há responsabilidade e, por isso, acompanhamos a execução da liberdade condicional...

e3- Desculpe só...

E- Sim, sim...

e3- O critério é a área de residência, ou seja, eles chegam a esta equipa, chegam aqui porque a sua residência está dentro dos nossos círculos jurisdicionais que são Maia, Gondomar e Valongo, fazemos intervenção nessas situações...

E- Exato, então eles são divididos, neste caso estão entregues às equipas responsáveis por aquela...

e3- Onde eles vão residir...

E- Ok. Nesse caso, ahh quais são as principais tarefas que vocês desenvolvem no dia a dia junto com, junto com os indivíduos que estão integrados neste processo? Como é que intervêm, o quê que fazem diretamente com eles? O processo de acompanhamento...

e3- No momento em que eles saem, vamos ver porque nós podemos ter, como dizia a Paula, podemos ter intervenção junto dos indivíduos durante as tais saídas jurisdicionais e podemos ter contatos com eles também nessa altura, o trabalho que aí prevalece é um trabalho que incide na avaliação da família, na avaliação do impacto na comunidade, toda a trajetória mas há situações em que nos pedem expressamente durante o período da libertação jurisdicional nós temos entrevistas, nas deslocações ter algum contato, também podemos às vezes na saída não ter contato nenhum com o indivíduo mas apenas com a família e com a comunidade, esses são os momentos. O outro, quando formalmente é concedida a liberdade condicional, eles têm cinco dias para se apresentarem na equipa territorialmente competente para o seu acompanhamento que está definido previamente

pelo Tribunal da Execução das Penas, eles têm que se apresentar na equipa e a partir daí nós damos início ao nosso acompanhamento, por isso é que eu perguntava se é a questão processual que quer porque em termos processuais...

E- A questão prática mesmo... o quê que...?

e3- É que não é diferenciado de qualquer outro nível de intervenção, era isso que estava tentar dizer à pouco. Nós temos medidas de execução na comunidades, os procedimentos técnicos de intervenção é igual em qualquer indivíduo que aqui está, desde que no cumprimento de uma pena porque nós temos situações em que é suspensão previsional do processo. Portanto, o indivíduo fica obrigado a cumprir aquilo que é determinado na decisão judicial, vem normalmente referido pelo TEP (Tribunal de Execução das Penas) algumas das obrigações que lhes são conferidas, imagine, frequentar algum espaço em termos de tratamento, hospital, o que quer que seja, a fixação da residência que é uma obrigação que temos, mais outras questões...

e2- Pode inibir atividade profissional...

e3- ...contato com vítimas ou familiares até das vítimas...

e2- Proibição de contato exatamente, pode ser inibição de ter armas, entre outras...

E- Essa planificação conta com alguma participação deles ou é exclusivamente definida pelos técnicos, pelo TEP?

e3- Conta com a participação deles mas não somos nós que as fazemos, essa deliberações são feitas quando ainda estão reclusos. Nas liberdades condicionais que estão associadas a um regime de prova, deve ser elaborado um plano de reinserção social...

e2- Na preparação das liberdades condicionais, para a preparação da liberdade condicional, os colegas normalmente pedem a nossa colaboração porque nós também temos de fato mais essa maior proximidade com o meio residencial, com a família, com as instituições de suporte para o que for necessário. Nós fazemos sempre esta diferenciação porque se não for em cumprimento de pena de prisão, indivíduos que não cumpram mesmo pena, arguidos que cumpram pena em liberdade, nós aí elaboramos um plano, no regime de prova, somos nós que fazemos essa planificação...

E- Mas então em pena de prisão é que já...

e2- Implica uma ação mais precoce, começa durante a execução da pena, portanto a preparação da sua libertação, é uma libertação condicionada e pode haver também uma antecipação dessa liberdade condicional, pode haver um ano antes, também face a

determinadas circunstâncias, que é feita pelos colegas, conosco mas pelos colegas que estão no estabelecimento prisional e com os indivíduos.

E- Sim, sim, se eles...?

e3- Mesmo contando com eles, há imposições seja da moldura penal, do plano de família, ha coisa que não se consegue, agora aqui ocorre a colaboração no sentido de um tratamento ou assim, é obvio que convém trabalhar as questões motivacionais para depois se conseguir que a ação decorra, portanto a esse nível nós trabalhamos sempre com os individuos, seja nessa ou em qualquer âmbito do reinserção social, é desejável tecnicamente no sentido deles concordarem e no fundo, contratualizarem algumas das ações e objetivos a ser desenvolvidos para a tal reinserção, reabilitação sendo que se não tivermos essa colaboração, as ações e objetivos são na mesma propostos por nós, desde que tecnicamente fundamentados, portanto isso depende, não é?. E mesmo que eles já venham com algumas imposições, nós numa fase inicial vamos reavaliar a situação junto do indivíduo e podemos propôr diferente objetivos e ações desde que não estejam ja la contemplados.

E- Era exatamente isso...

e3- A nossa intervenção técnica vai até aí, obviamente ela está legalmente suportada e nós podemos...

e2- Até porque a libertação condicional implica o consentimento do arguido, portanto ele dá a sua concordância também ao Conselho Técnico, mas há situações em que eles vêm já (...) da pena vêm quase que por força da lei obrigatoriamente e mesmo que não estejam reunidas condições tecnicamente consideradas, que sejam consideradas relevantes para eles poderem sair. Também se calhar a motivação em penas mais longas que até aí não conseguiram beneficiar de liberdade condicional porque de fato não conseguiram responder adequado aos objetivos, não é? A intervenção proposta, depois será mais difícil trabalhar essa motivação e essa participação portanto...

E- E qual é a receptividade que há por parte destes indivíduos da vossa intervenção? É uma obrigação mas pode ser uma receptividade positiva ou eles estarem aqui simplesmente pela obrigação. O que acham disso?

e3- Estava a pensar...Varia muito, é difícil estabelecer assim um padrões de regularidade...

e2- Depende muito das condições específicas quer individuais, quer pessoais, sociais, quer familiares, das problemáticas também, depende muito das problemáticas criminais, dos seus percursos, das suas trajetórias...

E- Pois era exatamente isso...e nesse caso encontram alguns aspetos comuns nas histórias de vida de todos eles ou numa grande parte deles que possa ser considerados aspetos importantes que influenciem a conduta criminal que tiveram/têm?

e3- Há vários fatores, fatores de risco, fatores de...

E- Sim, características da família, características da comunidade em que vivem, características pessoais até..

e3- É sobre aí que incide a nossa avaliação percebe? e a nossa planificação...e se é verdade que há alguns fatores que estão documentados e que nós sabemos que eles existem nestas populações, depois existem outros que é as tais singularidades mas é assim que a avaliação é feita por nós. À pouco quando falava da recetividade importa sempre avaliarmos neste enquadramento técnico a questão da adequação formal em torno do que é até a realidade social ou aquilo que é uma adesão digamos, eu aqui falava de motivação (...) porque não podemos esquecer que estamos num contexto que é corecivo por natureza portanto os princípios voluntariedade, tudo mais obviamente tem que ser lidos dentro deste contexto, contudo quando encontramos individuos que de uma forma mais espontânea, conseguimos avaliar, ver que estão motivados, que estão mais implicados no sentido de prosseguir com aquilo que é desejável. Na motivação é importante que se avalie melhor os indicadores que a pessoa se vai mobilizar, se vai comprometer e há indivíduos que logo no primeiro momento claramente estão numa posição de recusa, de alguma provocação, até contestação do próprio sistema de justiça, não é? Isso tem que ser logo ponderado aí, para depois decidirmos o nosso plano de ação com os indivíduos, isto é uma questão. A outra que fala são os fatores, não é?

E- Sim, sim...geral em termos de história de vida deles, não neste momento, mas tudo aquilo que está para trás na vida deles, há alguns fatores comuns que encontrem na generalidade dos casos que têm cá, que sejam aspetos centrais e que tenham contribuído para a conduta criminal deles, seja violência doméstica, seja homicídio, seja furto, seja drogas?

e1- Aqui o crime influencia um pouco, por exemplo uma situação de violência doméstica não tem a mesma história de vida, digamos assim do que um outro tipo com crime de roubo ou outro...aí teríamos que agrupar diferentes naturezas de crime, na minha opinião para conseguirmos depois ver quais são os fatores que influenciam a vida dos arguidos, sendo que percursos de grande instabilidade familiar, instabilidade profissional, poucos recursos económicos, isso falando sempre de uma forma geral. Isto

em termos de regularidades, como a Paula dizia, são alguns dos que podemos enunciar como presentes não diria em quase todos os casos porque acho que isso ninguém deve dizer, é uma questão que não se pode assegurar mas em muitos dos casos, que temos, pelo menos que eu veja de liberdade condicional que se verifica efetivamente esse percurso de instabilidade na vida deles.

e3- Estamos perante primeiro na reincidência, eu diria que é assim, na reincidência, nósquase vamos encontrando aquilo que a literatura aponta como sendo os fatores de risco, não estamos longe disse, que é, em torno obviamente das características individuais, primeiro de tudo, questões de personalidade, antisocialidade por aí, as da estrutura e da dinâmica e constituição familiar, muito em torno da dinâmica, questões relacionais, tudo isto, depois também a associação ao grupo de pais, desvendou (...) está ligado também, o consumo de dependências, álcool, drogas, jogos, já, também já começa a aparecer. Depois a existência de, por exemplo fatores de empregabilidade, ocupação desestruturada dos tempos livres, nos jovens então isto é muito mais notório...

(Este é apenas um excerto exemplificativo da entrevista total)

2. Entrevistas Ex-reclusos

2.1- Ex-recluso Nº 1

E- Comecemos por me dizer por favor o seu nome e a sua idade?

e- Bruno Jesus, 25 anos

E- Gostava que se defini-se em termos de personalidade?

e- ahhh, pronto sou uma pessoa bastante sociável, ahh pronto, sou uma pessoa que dou-me bem com toda a gente, não, não tenho ahhhh o meu feitio não muito de ser, pronto arrogante e isso nada, dou-me bem com toda a gente sou uma pessoa correto, gosto de brincar, hummm

E- E em termos familiares?

e- Em termos familiares acho que...

E- Como é que caracteriza a sua relação com os seus familiares?

e- É boa, é muito boa...hummm

E- Da sua infância quais são os momentos mais marcantes que se lembra? O que me diria da sua infância?

e- hummm, em parte a minha infância foi boa, pronto também sou, da família sou o mais novo de todos, tirando agora o meu filho e os meus sobrinhos, sempre fui o mais novo ea família ainda é bastante grande, hummm, tive uma infância boa, escola sempre normal, nunca fui de faltar, nunca fui de ter mau comportamento, até aos meus 15/16 anos, por essa altura mais ou menos...

E- E no período da adolescência, o que se lembra da fase dos amigos, da família, da escola?

e- Prontos, a essa altura, mais ou menos nos meus 15/16 anos andava no 8º ano na escola, por opção minha, não por familiar nem pais nem irmãos, decidi abandonar os estudos e ir trabalhar porque, pronto queria ser independente, comprar as minhas coisas, não estar à espera que a minha mãe me de-se ou que a minha irmã me de-se ou que o meu irmão me de-se, achei por bem que, pronto devia arranjar um trabalho e comecei a trabalhar.

E- Ok e em termos por exemplo, monetários, a sua família tinha problemas financeiros, não tinha?

e- É assim problemas tinha, acontecia, fome não nem necessidades graças a deus nunca passamos, podia haver uma vez por outra que pedíamos isto à minha mãe ou que fosse preciso aquilo...

E- Não foi então por essa razão que deixou os estudos, foi mesmo por opção?

e- Não, não. Sim, sim por opção.

E- E em termos de amigos, a adolescência é normalmente uma fase mais complicada, o que se recorda?

e- Tive uma adolescência boa, mesmo em termos de amigos sempre tive muitos amigos, nunca fui de criar muitos conflitos entre amigos, sempre, é como lhe digo, sempre fui uma pessoa bastante sociável e sempre, prontos nunca, em termos de amizades nunca fui pessoa de 'olha vamos ali àquela laranjeira buscar laranjas' eu se tivesse que ir ia, se não tivesse...nunca fui uma pessoa de ser influenciável, prontos...acompanhava, se tivesse que ir prali 'vamos'...

E- Hoje considera que esse grupo de amigos era um bom grupo de amigos?

e- Alguns sim, alguns sim, outros nem por isso, é comum, é como tudo...

E- E desse período lembra-se assim de algum episódio que o tivesse marcado e que ainda hoje recorde, seja positivo ou negativo, algo que considere ter influenciado a sua vida, a sua personalidade, algumas características?

e- humm, sim, algumas boas, outras menos boas, por exemplo eu jogava futebol e praticava boxe e ao fim de 7, 7 anos, pronto algumas amizades, fui-me desviando um bocado e deixando de fazer aquilo que gostava e praticar desporto e tudo mais, como já tive coisas boas, coisas boas e coisas más

E- E o que considera atualmente, de todas essas experiências, quais as principais mudanças que denota hoje em si, a sua vida pessoal, a sua vida familiar? Como é que encara as coisas hoje e naquela altura não encarava?

e- humm hoje já penso duas ou três vezes antes de tomar qualquer atitude ou fazer ou não fazer ou ahhh prontos, se me disserem ó Bruno vamos para casa de uns amigos até às seis da manhã jogar um Poker, vamos supor, hoje já penso duas vezes, não vou, sou capaz, posso ir uma vez por semana, uma vez por mês, depende, e se calhar noutras alturas nem pensava, vamos. Se tivermos que estar la fechados 24 horas, vamos, 'tou a dar um exemplo, jogar cartas, discoteca. Hoje já penso de maneira diferente, derivado agora à minha situação familiar, pronto e mesmo o tempo que eu tive, tive preso fez-me ver as coisas de outra maneira e pronto hoje, hoje sou bastante diferente.

E- E considera isso uma mudança positiva?

e- Sim, claro que sim.

E- Relativamente ao seu contexto familiar, no seu crescimento como é que nos pode descrever a sua vida familiar e atualmente também, a relação com os seus pais, os seus irmãos...

e- Eu quanto à minha vida familiar, é como lhe digo, eu sempre, sempre foi boa porque pronto era praticamente, eu tenho 5 irmãos, a única coisa que me faltava na altura, prontos hoje não me faz falta nenhum porque já estou criado, tenho a minha vida, já tenho filhos, talvez um bocado a falta de pai que era prontos na altura o meu falecido avô que fazia esse papel, e acho que me faltou um pouco disso, faltou...eu devia ter meses quando ele desapareceu..

E- Considera que esse fato marcou a sua vida?

e- Sim, sim em ponto sim, claro que sim, e hoje eu sou pai e lembro-me do que sentia na altura prontos a falta de um pai, do chamar á atenção de uma voz, de prontos, de certas coisas, de falar com o meu pai 'pai preciso que vás à escola, preciso que vás a uma reunião, preciso que...' certas coisas que fazem falta e que me fizeram falta na altura, se calhar se tivesse essas coisas se calhar na altura não tinha seguido outros caminhos, se calhar continuava a estudar, se calhar não ia trabalhar, porque não me deixava ir trabalhar, suponho, digo eu, porque nunca passei necessidades mas eu achava por bem trabalhar e querer as minhas coisas, e pronto a minha mãe nunca se opôs.

E- E relativamente à sua mãe, como é a sua relação com ela? Como a vê, tendo em conta que como me disse, não teve a figura do pai presente?

e- humm é boa, pronto a partir do momento que o meu avô faleceu, eu devia ter os meus 6/7 anos, não me recordo muito bem, a partir desse momento foi prontos a minha mãe que fez o papel de pai e mãe, eu tenho um irmão com quase 40 anos, ele também fazia por vezes, esse papel, até envergar pelo caminho das drogas na altura, hoje, graças a Deus tem uma vida normalíssima, trabalha, tem casa, tem mulher, prontos foi uma má fase da vida dele, mas era ele na altura que em certos aspetos ajudava a minha mãe, mas a relação com a minha mãe é muito boa...

E- Atualmente é casado?

e- Sim, sim, sou casado humm, tou junto

E- Como é que descreve essa relação?

e- Pronto estou a falar consigo, é como lhe digo hummm eu não sei o dia de amanhã mas acho que foi uma das coisas que me fez bem a mim mesmo, conhecer a minha companheira e prontos levar uma vida normal e fez-me ver a vida de outra maneira.

E- Conheceu a sua companheira antes ou depois de ter passado pela prisão?

e- Eu conheci a minha companheira antes, mas não tinha um relacionamento, amigos, normal, depois eu fui em antes de eu ir para o estabelecimento eu estive em casa de pulseira eletrônica e trabalhava, o juiz dava-me autorização para trabalhar e porntos fomo-nos conhecendo, um café e a gente foi-se conhecendo por aí...

E- E filhos, disse-me que tinha, como nos pode descrever a relação que tem com o seu filho, as brincadeiras, tudo? Aquilo que à pouco me disse que tinha sentido falta, procura dar isso..?

e- Eu acho que, não sei, pelo menos é o que me dizem eu não noto isso, eu sou pai, é o meu filho e é evidente que às vezes a gente pode ter certas atitudes que não estão corretas mas eu acho que estão corretas e lá está, se calhar, eu sou assim derivado a nunca ter um relacionamento de pai e filho, e, por exemplo, como é que eu lhe hei de dizer, o meu filho está pendurado na cama e eu tenho que estar próximo, se estiver a comer uma bolacha não o deixo meter meia bolacha á boca, há uma necessidade de proteger. Pronto é o que digo, se calhar foi mesmo e dizem que eu sou um pai galinha que não deixo o menino fazer nada mas é o meu próprio instinto, não sei, sei lá...

E- Como ficou a sua família quando foi para o estabelecimento prisional? Como é que isso os abalou, o apoio...

e- Apoio sempre tive da minha irmã, da minha mãe, da minha companheira, dos meus sogros, irmãos, sempre me visitaram nunca me faltava uma visita e na altura foi complicado porque eu estava mesmo, de pulseira eletrônica, sempre tive um comportamento exemplar, nunca causei qualquer tipo de problema e na altura de, da sentença estávamos todos a pensar que a pena foi passada a pena suspensa mas prontos não foi, foi para prisão efetiva e aí foi um bocado complicado para a minha mãe, ele teve que ir para o hospital, esteve internada, depois com o tempo a gente...

E- Quanto tempo esteve na prisão?

e- Seis meses

E- E posteriormente como é que reagiram? Como é que considera que isso também influenciou a sua vivência lá dentro?

e- Eu a partir do momento em que entrei lá dentro, o meu pensamento só foi, sair o mais rápido possível dali, não, não andar metido em problemas, não arranjar problemas, arranjar qualquer coisa para fazer porque, eu fiz porque notei, é como eu já disse à Dra. Sofia, aquilo calha a todos só que não era vida para mim porque nunca passei necessidades, nunca precisei de fazer qualquer tipo de coisa ilícita para ganhar fosse o que fosse, benefício ou isso e acho que só depois da gente entrar lá dentro é que a gente tem mesmo, tem a noção

das coisas e na altura a minha companheira ainda ficou assim um bocadinho, pronto, como é que eu hei de dizer, ficou um bocadinho á toa como se costuma dizer, nunca tinha visto envolvida nisto e eu também não e o meu pensamento sempre foi lhes dar força, que eu tava bem e independentemente de estar ali nunca me tinham feito mal, não estava com problema algum, não estava com doença nenhuma, que pela porta que entrei era pela porta que ia sair e assim foi, sempre fiz com que eles se orgulhassem de mim, não era do género 'tô cá dentro, deixa-me estar', não sempre lutei para que eles, viesse o mais rápido possível para a beira deles.

E- Falou-me agora do seu período escolar, quais são as suas memórias desse tempo? Falou-me que saiu no 8º ano mas até aí...

e- hummm eu era um bom aluno, acho que sim, era um aluno quando me esforçava e queria fazer as coisas, era um bom aluno só que era um miúdo um bocado brincalhão, gostava muito de dizer graçolas, sem maldadade, sem falta de educação humm mas prontos era aquele miúdo que...faltar às aulas nunca foi assim, aquela coisa 'vamos faltar? Não vamos a esta...' não, ia à aula mas se calhar em vez de estar com atenção estava a falar para o amigo do lado, mas faltar nunca foi, faltar ao respeito à professora não, agora mandar umas piadas para o amigo do lado, conversar para a rapariga do lado acontecia

E- As pessoas usam muito o termo meninos problemáticos, acha que era um pouco assim?

e- humm (risos) não digo que às vezes não fosse, também derivado a ser o menino da família e se uma professora me falasse alto, eu chegava a casa e fazia queixa à minha mãe 'ó mãe a professora falou-me alto' e talvez a minha mãe em vez de perguntar 'então mas porquê que professora falou alto? É porque tú...' não, como era o menino, não, então eu vou lá falar com ela e vou, vou conversar paíra ver o que se passou, pornto não era problemático, era pronto um miúdo que gostava de comunicar...

E- Relativamente ao trabalho, disse-me que saiu no 8º ano da escola para ir trabalhar, daí até agora, mesmo no período da reclusão quais são as suas experiências profissionais?

e- A minha experiência mesmo é na área da restauração, sempre trabalhei na área da restauração, depois tive pequenos percursos, trabalhei num talho, na altura que fiquei sem emprego trabalhei pronto num restaurante, que é uma unidade conhecida, o Madureira, haaa vim-me embora, trabalhei num talho e depois a partir daí foi sempre a trabalhar até aos meus 21 anos, normal, fazia a minha vida normal, trabalhava à semana num trabalho fixo,

aos fins de semana ia para a praia, p'ra Foz, trabalhava num esplanada ao fim de semana, sempre levei uma vida tranquila

E- E o quê que considera que esses trabalhos, a sua relação com os patrões com os colegas, o quê que considera que isso contribuiu para o seu crescimento?

e- humm, ahh alguns prontos, assim prontos para dar um exemplo mais, mais concreto isto no meu último patrão que eu tive antes de ser detido, já trabalhava com ele à três anos e pouco, ia fazer quatro anos, na altura em que eu fui detido tinhamo-nos chatiado, não tinhamos chegado a um acordo, ele tinha-me prometido um aumento de ordenado e depois sobre aquele aumento já me estava tirar 50€ e eu achei por bem que não podia ser assim, e não podia, a gente conversou, não chegamos a entendimento e foi na altura que eu vim embora desse trabalho prontos, foi quando fiquei assim um bocadinha à toa e ele disse-me 'pronto Bruno se achas que tens que ir embora vai, nunca te faltei com nada, sempre fui um bom patrão para ti' e quando eu fui detido, quando houve a possibilidade de ir lá e arranjar um trabalho e pronto e, refazer a minha vida, falei com o Juiz, pa falar com ele a ver se ele me aceitava, expliquei-lhe a situação que estava e ele virou-se para mim e diz 'será que agora os 50€ que tu querias valeram-te a pena, viste o quê que te acabou por acontecer' e eu aí fiquei, pensei naquilo que ele me disse e pronto, isso foi logo ao princípio e eu ainda andei dois anos e seis meses a cumprir a pena ahhh e aprendi que a gente tem é que dar valor a quem nos ajuda e a quem nos quer bem e ele foi uma pessoa que, ainda hoje se precisar, ajuda-me ahh prontos e...

E- E depois da prisão em quê que trabalhou?

e- Continuei a trabalhar aqui na Praça Carlos Alberto numa confeitaria que é do mesmo patrão só que passado, saí em janeiro, comecei a trabalhar em fevereiro estive até julho, faz agora um ano, só que como na minha ausência, fui para o estabelecimento, porque eu com a pulseira sempre trabalhei lá, quando fui para o estabelecimento é evidente que eu não podia trabalhar, e pronto ele teve que meter outro funcionário não ia estar á minha espera a vida toda e eu também não sabia que ia estar lá 6 meses podia ser mais de um ano, a gente não sabe e ele também não sabia mas teve sempre a preocupação de perguntar à minha companheira, 'pronto Bruno quando sair...', sempre foi um empregado exemplar, toda a gente gosta aqui dele, sempre cumpriu com as obrigações dele, ele quando sair tem aqui uma porta aberta' e tive saí comecei a trabalhar, só que com os funcionários que ele tinha lá, ele tava, depois tive que passar a part-time, os primeiros meses ele pôs-me a tempo inteiro normal mas depois falou comigo e disse 'depois Bruno assim que surja a oportunidade, agora também não vou estar a despediros outros empregados, quando estão a fazer a vida

deles, isto agora está complicado, não ia mandar embora que chegou ele' eeu na altura achei por bem, falei normal com ele e tive que arranjar outra coisa para fazer.

E- Atualmente faz o quê?

e- Atualmente só faço, na empresa do meu sogro que é de construção civil, ele quando precisa diz 'olha Bruno, preciso que venhas com a gente' e lá vou eu, no que me aparecer.

E- Então neste momento está desempregado, só faz trabalhos esporádicos?

e- Exatamente

E- Relativamente ao período na prisão, disse-me à pouco que foi por tráfico de estupefacientes, o quê que me pode dizer mais sobre isso? se não quiser falar...

e- Não, pode-me perguntar à vontade eu respondo...

E- O quê que o levou à prisão?

e- O quê que me levou, então é assim eu trabalhei, sempre trabalhei como lhe estava dizer e quando tive este meu patrão foi aos meus 20 anos, salvo o erro, 20 anos eu fui detido com 21 ahhh abandonei o emprego, comecei a prontos, não, andava meio perdido trabalho, não trabalho, vou-me deixar a andar e surgiu-me a oportunidade por intermédio de um amigo meu, para trabalhar em colaboração com um stand de automóveis. Pronto eu fui lá falar com o senhor e ele disse-me 'Bruno isto é assim eu dou-te uma comissão por cada venda de automóvel e fazemos assim e depois mais p'ra frente a gente, se realmente conseguires ter as vendas que a gente quer podes, podes não comesas a trabalhar diretamente no stand. Eu ainda andei cerca de três, quatro meses a trabalhar depois foi quando discotecas, sair com os amigos, comecei a parar num bairro social onde se traficava estupefaciente até que me surgiu essa proposta de entrar pelo, pelo mundo do tráfico e eu ao primeiro ainda, prontos fiquei um bocadinho prontos apreensivo, não só pelo meu irmão ter sido um ex-toxicod dependente e ver o que ele sofria e os trabalhos que ele passava e os trabalhos que ele dava á minha mãe, só que não sei, a minha, a minha cabeça na altura, não sei, não pensou em mais e quando fui a dar por mim já estava prontos envolvido, já estava a traficar estupefacientes...

E- Considera que isso foi influencia de alguns amigos também?

e- Sim, em parte sim

E- E quando foi preso e esteve aquele período em casa com a pulseira e depois quando foi detido mesmo, tanto num caso como no outro, como é que se sentiu? Interiormente, para si?

e- ahhh é como eu já disse à Dra. eu não tenho problema nenhum em dizer que sou um ex-recluso, errar toda a gente erra, uns de uma maneira outro de outra, ahhh e eu foi o

que disse à Dra. na altura fui para casa com pulseira, primeiro mês, mês e meio prontos a minha cabeça não pensava bem, prontos estou em casa, não tenho que me preocupar com nada, estou em casa da minha mãe ela da-me de comer, tenho água, luz, computador, não há problema nenhumvou levar uma vida de um jovem sem fazer nada, quando botei a mão à consciência realmente vi que os benefícios que tirei foi nenhum porque o dinheiro que ganhava gastava e pronto, eu na altura só pedia, não pedia a ninguém, falava para mim mesmo só queria uma oportunidade para me redimir daquilo que tinha feito, que tinha cometido e pronto lá tive que fazer os tais sacrifícios e tentar levar tudo da melhor maneira para não agravar mais

E- E quando foi mesmo preso? Era a isso que se estava a referir?

e- Quando fui mesmo preso, aí foi...porque eu na altura que me vieram buscar a casa, eu sou-lhe sincero, eu não 'tava a contar, não 'tava mesmo, eu já 'tava, eu acho que até fui exceção única pronto np IRS com pulseira eletrónica que não, nunca cometi qualquer infração, tive o máximo tempo possível que se pode 'tar que são dois anos e eu levava a minha vida normal, saia de manhã ia trabalhar, regressava á noite a casa, fazia a minha vida normal, a minha companheira chegava do trabalho, fazia o jantar só não podia pronto ir à noite ao café, tomar o meu café, mas isso... também não podemos pedir tudo ahhh na altura que me vieram buscar a casa eu estava a sair do trabalho, tava mesmo a chegar a casa e cheguei encontravam-se lá uns agentes com um mandato de, de detensão para me acompanharem ao estabelecimento e eu ao primeiro, primeiro impato que tive quando o Sr. Agente falou comigo eu não, não estava, não era a acreditar, ainda não estava bem a ver as coisas daquela maneira e fiquei assim um bocado prontos a pensar o quê que se está a passar, o quê que eu fiz para, quando me entregaram dentro do estabelecimento, quando prontos quando me fecharam na cela eu pensei porquê que me meteram aqui, porquê que...

E- Houve um sentimento de revolta?

e- Um pouco sim...

E- revolta consigo ou com...?

e- Não comigo, com os outros não, quem fez mal fui eu, ninguém me fez mal a mim, neste caso se o juiz achou que eu devia de ir é porque foi o entender dele mas eu tinha a situação da pulseira electronica a situação que sempre levei, sempre pensei que chegasse ao fim dos dois anos e pronto e me tirassem a pulseira para fazer a minha vida normalmente

E- E lá dentro como é que era o seu dia a dia, como foi a sua adaptação, o quê que sentiu mais falta? Criou amizades, inimizades?

e- De tudo um pouco como é normal quando entrei na cadeia já tinha lá alguns amigos, não vou dizer muitos mas alguns

E- Já conhecidos?

e- Sim, sim já conhecidos, fui recebido de manhã, mostraram-me para ver por alto porque a gente chega lá e falar é uma coisa depois de chegar lá dentro é completamente diferente porque é completamente diferente daquilo que as pessoas imaginam ahhh fui bem recebido ahhh ganhei muitas amizades que ainda hoje as tenho ahhh problemas nunca tive qualquer tipo de problemas, o meu dia a dia era acordava de manhã normalmente, tomava o meu banho, ia para o meu curso de formação, que estava a tirar um curso de formação e, e á tarde praticava futebol e ao fim da tarde um bocadinho de ginásio, biblioteca, dependendo do meu estado de espírito, jogar ping-pong...

E- Ok. Desse tempo o quê que retirou dessa experiência?

e- ahhh costuma-se a dizer que há males que vêm por bem, que quando a gente diz 'ah porque era toxicodependente e 'ta preso e só lhe vai fazer bem, porque vai sair curado' às vezes não é só o toxicodependente que vai lá dentro e vê as coisas mesmo como elas são e eu falo por mim porque uma pessoa diferente, não muito diferente mas diferente da que sou hoje e não tenho problema algum em dizer que aprendi imensa coisa na cadeia, hoje posso prontos, posso dizer que a cadeia em parte a mim me fez bem em todos os aspetos, amigos, família, saídas, trabalhar, gastar, tudo isso, a gente se quiser levar uma vida normal aprende lá dentro e sai com um bom conhecimento da vida

E- No geral, não só no seu caso mas vendo por dentro, quais considera ser as coisas mais positivas e negativas que as cadeias podem ter para a sociedade e para os indivíduos que por lá passam?

e- Prontos é como eu lhe estava a dizer, controlar dispositivos às vezes é isso mesmo passar por la e meter a mão na cabeça só depois de estar lá é que mete a mão na cabeça e pensa porquê que eu estou aqui? e porquê que eu agi assim? e se calhar porquê que eu sou uma pessoa que mostro uma certa importância? e se calhar está ali um desgraçado e eu estou a falar com ele e sou uma pessoa com outro valor monetário, não deixo a pessoa para canto e vou falar, não, não é isso que nos faz eu falo por mim, no meu caso, certas situações que passei lá dentro às vezes esses tais desgraçados a terem só mesmo dois cigarros para fumar e dar um ao amigo do lado e podia pensar assim 'não fumo agora este e guardo o outro e ele se fumar fuma se não fumar, não fuma' não. O lado psitivo eu acho que há uma entre-ajuda muito grande não de toda a comunidade de reclusos porque não pode ser assim, não somos todos iguais, nem temos todos a mesma vontade, mas não é assim acho que a gente

aprende que pelo lado positivo aprende muita coisa. Pelo lado negativo é como lhe digo eu nunca tive qualquer situação fosse ela qual fosse, castigos, faltas de educação entre guarda e recluso ou recluso-recluso, nunca tive qualquer tipo desse problema da parte negativa que eu vejo. Vejo na parte negativa que as cadeias acho que falta um pouco de mais de visibilidade para, não digo as pessoas que estão cá fora para estarem informadas disso, mas pessoas neste caso superiores, porque há muitas coisas que se faz nas cadeias que não é transmitido cá para fora e que não passa pela cabeça das pessoas, há várias situações mas é como lhe digo eu nunca passei por qualquer tipo dessas situações, não posso...

E- E relativamente aos crimes no geral, nenhum em específico e tudo o que me disse que se passa lá dentro favorece o arrependimento, neste caso a vontade de mudar ou ainda provoca mais aquela revolta, aquela vontade de...?

e- Sim em certos casos sim, tive muito conhecimento disso, havia muitos que diziam 'quando eu chegar lá fora inda vou fazer pior do que fazia' talvez o sentimento de revolta, de a gente não poder continuar com liberdade e às vezes aquele desabafo, não quer dizer que às vezes isso acontecer porque dos conhecimento que eu tenho e que eu tenho encontrado na rua que conviveram comigo na cadeia ahh talvez um por outro me tenha dito 'ó Bruno eu quando sair eu vou fazer, eu vou acontecer' e hoje olho para eles e digo 'ó pah afinal já tás a trabalhar e já tens uma filha e já tens carta de condução uma coisa que na altura em antes de ir preso não tinhas nem queria tirar carta de condução nem te preocupavas em arranjar um trabalho nem querias saber das raparigas, muito menos e hoje passo e vejo uma pessoa mudada.

E- Relativamente ao período da reinserção quais foram e são as suas motivações para a mudança, já me falou que teve sempre vontade de mudar e assim, quais foram as suas principais motivações?

e- ahhh porque é como lhe digo isto é complicado um bocado falar, porque cada um tens os seus motivos para envergar pronto, eu é como lhe digo eu enverguei por não foi por necessidade prontos, eu compreendo algumas pessoas eu fui roubar para dar de comer a um amigo meu, fui ao supermercado e roubei patra comer ou p'rós meus filhos eu na altura não tinha filhos, não tinha qualquer tipo de responsabilidades, não tinha casa para pagar ahhh e prontos foi uma situação à parte, quanto à situação do IRS, pronto...

E- Atualmente está a tentar mudar, o quê que o motiva para isso, para essa mudança, família?

e- ahhh sim, basicamente é isso, eu, por exemplo tive um julgamento na sexta-feira de um processo que está a decorrer, não relacionado com tráfico de estupefacientes, uma coisa

já de muitos anos, o julgamento foi às duas e meia da tarde em Braga e eu fui trabalhar das 7 da manhã à uma hora e depois fui outra vez das oito da noite às duas da manhã para a UNICER carregar paletes, não tenho qualquer tipo de problema porque preciso de dinheiro para comer, para dar de comer ao meu filho para pagar as minhas, as minhas coisas e antes todos os dias se calhar acordava às duas da tarde antigamente e hoje tenho motivação para acordar de manhã ir ao café, ler o jornal, procuro os anúncios, e dizer 'olha se souberes preciso, tenta-me, tento sempre ao máximo, porque ainda para mais agora com o meu filho, não é o querer mostrar que está mudado é uma pessoa mudada e pronto e tento mostrar não ao IRS e ao Tribunal mas mesmo ao meu filho e à minha companheira que a minha vida nunca foi essa, sempre foi uma vida normalíssima.

E- E quanto à sua relação com os técnicas, o processo de ajuda, a comunicação que tem com elas, considera que elas foram fundamentais nesta fase para si?

e- Sim, eu ainda tenho alguns amigos que estão em prisão domiciliária e eu sempre que tenho oportunidade vou lá a casa para lhes dar um cumprimento e falar e tentar-lhes mostrar a minha situação 'não rebentes a pulseira, não vás ao café, não vás por aí, tú tens que mostrar ao teu técnico e ao próprio IRS que depois tem que fazer os relatórios para o juiz que foi um erro na tua vida e que queres mudar porque se tú não fizeres isso, isso nunca te vai favorecer em qualquer tipo de aspeto eu quanto às minhas técnicas, eu ia a casamentos eu ia a batizados, eu sempre tive uma boa relação com as minhas técnicas, sempre falei abertamente com elas nunca tive qualquer, nunca tive que esconder alguma coisa, sempre fui uma pessoa, nunca tive problemas em falar 'tá feito, 'tá feito, toda a gente comete erros e...

E- O apoio delas foi fundamental nesta fase, atualmente?

e- Sim, sim...

E- Tem feito algumas ações de formação ou assim, indicado por aqui?

e- Não, isso não.

E- Disse-me que não está inserido no mercado de trabalho, como é que sente em relação a essa situação, está a procurar algo fixo?

e- Sim, isto está para todos nós está muito complicado, eu ontem tive que vir cá falar com a Dra. Sofia por outro motivo mas na última, na última conversa que eu tive com a Dra, eu 'tava-lhe a explicar a ela, quem me dera a mim que chegasse a Dra ou assim e me dissesse 'ó Bruno vais a tal sitio e tens ali uma boa oferta de trabalho mas não, já fui a dois sitios e apesar de a gente ser jovem não tá fácil e depois quase, não tenho a certeza, saiu umas leis das empresas tudo pede o registo criminal e é complicado, se isto não está fácil e depois

apresentando o registo criminal, foi o meu caso, foi o que me aconteceu, ainda mais complicado se torna.

E- Relativamente à sociedade, amigos, trabalho etc, sente algum tipo de discriminação por ser ex-recluso?

e- Não digo discriminação mas sinto, eu e acho que todos os reclusos sente um pouco isso, mas isso também o tempo vai passando, não se esquece mas vai, vai passando, sinto um bocado mesmo eu noto, agora não tanto, porque já estou à algum tempo cá fora, mas aos princípios ahhh ver por exemplo o filho de um amigo meu, eu conheço-os, vi-os a nascer e eles conhecem-me a mim mas aquela ausência depois verem-me passado três anos e ‘o Bruno teve preso’, isso eu noto as pessoas a olharem como... não digo que a pensar um criminoso, não sei mas noto não sei, as pessoas, não sei o que as pessoas estão a pensar mas noto comigo trabalho, amigos

E- Já teve algum caso em relação ao trabalho?

e- Já, não sei se sabe onde é que é, à beira de S. Mamede Infesta, no cruzamento do Amial tem lá uma empresa de papel e eu tenho lá uma conhecido que trabalhava e eu por acaso encontrei-me com ele em Matosinhos, estava a passear com o meu filho e a minha companheira e ele com a esposa dele e encontrei-o e ele perguntou-me ‘Então pah a tua vida, já arranjas-te trabalho?’ e eu ‘Não, andava a ver se conseguia’ e ele ‘ah então vais ali à minha fábrica preenches uma ficha e depois se te chamarem não custa nada a gente tentar’ e não custa preencher um papel, vamos tentar a nossa sorte ahh e eu fui, quando cheguei lá dirigi-me á secção dos escritórios onde estavam as senhoras deram-me um impresso para eu meter os meus dados e eu quando lhe entreguei a senhora que me estava a atender perguntou-me se já tinha qualquer problema com a justiça e eu disse que sim, não especifiquei o que era nem qual o crime que tinha cometido mas disse sim que já tinha tido uns problemas com a justiça e então a senhora disse-me ‘então eu precisava do seu registo criminal para...’ e prontos não me chamaram..

E- Considera isso como discriminação?

e- Sim

E- Diga-me só mais uma coisa, na prisão estava já inserido em algum programa com vista à reinserção, algum acompanhamento com técnicos?

e- Sim, tinha uma técnica de IRS que iam à cadeia não digo todos os dias mas se não me engano, segunda, terça e quarta, sei que era três dias por semana, andava a volta de 8 técnicas, 8/10 técnicas e depois certamente que as técnicas não nos podiam atender a todo o momento somos muitos reclusos, mas tinha, tinha uma técnica que me ajudou bastante

E- Falou-me na formação que teve lá, explique-me mais concretamente o que era?

e- Primeiro a gente começou, a gente o meu grupo, primeiro fomos selecionados, eu tentei-me inscrever na escola mas como tinha entrado dia 1 de setembro as inscrições já estavam fechadas e a técnica disse 'Ó Bruno vão entrar agora uns cursos, tens direito a bolsa' dava jeito ' e isto vai-te favorecer' e eu disse, 'então se aparecer chame-me que eu vou', apareceu um curso de culinária, a gente andava lá e passado um mês e meio dois meses apareceu um novo projeto que era da União Europeia, não me recordo o nome, não sei qual era a instituição e a técnica chamou-me para falar comigo e eu apresentei-me lá no gabinete e ela disse-me 'tenho aqui uma oportunidade que tu não podes deixar fugir' e eu perguntei-lhe o quera e ela disse 'tenho um curso que era de recursos humanos ahhh depois não cheguei a acabar, fui a conselho e vim-me embora era isso que lhe ia dizer, ahhh prontos comecei a tirar esse curso, já andava com a moral mais em sim prontos, um bocadinho mais em baixo porque estava a chegara altura do meu, do meu conselho de meio de pena e nessa altura a gente por muito que queira e se distraia o nosso pensamento só é será que vou embora? Será que não vou? E não cheguei a acabar esse curso, era de recursos humanos iam fazer, recordo-me do formador dizer, ao fim sei que eramos 300 reclusos que estávamos selccionados e só foram 8 e eu fui um deles e na altura já estava prontos independentemente de ir a conselho ou não, deu-me aquela motivação prontos isto aqui parece-me ser uma coisa que vou aprender alguma coisa com isto e passado uma semana e meia, duas semanas vim embora, vim embora, não tive oportunidade sequer de chegar a meio, o curso era de 6 meses.

E- E considera que essas aprendizagens foram positivas e contribuíram para a sua vida, hoje se tivesse que trabalhar em algo dessas áreas...?

e- Sim hoje sei fritar ovos, sei fazer massa, antes de ir não sabia, podia saber fritar uns ovos e umas batatas, como se costuma dizer desenrascava-me pronto hoje prontos

E- Relativamente às suas expectativas futuras, quais são os seus objetivos de vida futura?

e- Eu é assim, é como lhe digo isto não 'tá fácil e foi a conversa que eu tive com a Dra. Sofia, se eu não tivesse em liberdade condicional eu arriscava em emigrar, a minha companheira ficava com o meu filho, a minha mãe, a mãe dela, sei que não ia passar dificuldades algumas ahhh e era um esfroço muito grande que eu ia fazer mas se calhar envergava pelo caminho de emigrar porque aqui não, como a gente vê, não...faltam-me seis, sete meses, acaba a minha liberdade condicional, e se as coisas se mantiverem assim talvez nessa altura porque tenho familiares lá fora que têm bons salários e que me arranjam casa e assim e se calhar em vez de ganhar 500 ou 600 mandava para cá 1500 e prontos

E- Acima de tudo o quê que tudo isto significou para si?

e- ahhh foi positivo, não digo em casa, também tive aquele sentimento de revolta, acho que a cadeia em parte o tempo que estive lá fez-me ver a vida de maneira completamente diferente e hoje se calhar se voltasse atrás se calhar cometia o mesmo erro, para saber o que sei hoje porque se calhar se tivesse continuado em vez de levar quatro anos, levava dez, não sei se calhar sim, para ver as coisas de maneira diferente

E- Por minha parte é tudo, há alguma coisa que queira acrescentar, que ache relevante?

e- Não.